

Editorial

O desafio dos pesquisadores

Apesar dos valiosos estudos produzidos pela comunidade científica nacional e internacional, muito pouco desse conhecimento tem sido acessado pelos profissionais clínicos em seus ambientes de trabalho. Vários aspectos podem ser observados, mas a pergunta que se faz necessária é: Será que os trabalhos científicos usam uma linguagem acessível ao profissional que efetivamente vai utilizar tais conhecimentos na prática diária?

Como exemplo, pode-se citar a Classificação Internacional das Doenças (CID), na sua 11.^a versão, produzida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para uso em todos os países e por todos os profissionais envolvidos. Os cirurgiões-dentistas clínicos têm acesso? Se têm, sabem acessar adequadamente para poder registrar de modo correto nos respectivos prontuários, declarações e eventualmente atestados (com a permissão do paciente, é claro)?

Em 2013, a International Association for the Study of Pain (IASP) formou uma força-tarefa para produzir e atualizar uma classificação de dor para uso internacional. Como resultado, a nova edição da CID-11, adotada pela OMS em 2019, inclui, pela primeira vez, **uma classificação para dor crônica**. A CID-11 será empregada por vários países nos próximos anos.

Por se tratar de uma classificação hierárquica, o 1.^o nível contempla as dores crônicas primárias; no seu 2.^o nível está a subdivisão que interessa a todos os cirurgiões-dentistas, **a dor de cabeça e a dor orofacial**, e nessa subdivisão contemplou-se a Classificação Internacional das Cefaleias (ICHD-3). Com o intuito de aprimorar cada vez mais essa atualização, em 2020 foi publicada a International Classification Orofacial Pain (ICOP), já traduzida e validada para a língua portuguesa, em que todas as dores que envolvem a região craniofacial foram contempladas, desde as dores pulpares até as neuralgias, passando por dor facial idiopática persistente, ou seja, envolvendo todos os eventos odontológicos que possam levar ao sofrimento prolongado por um diagnóstico incorreto e procedimentos terapêuticos inadequados.

A dor crônica, uma condição que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, muitas vezes é subestimada e subtratada. Diferentemente da dor aguda, que é uma resposta natural do corpo a um estímulo nocivo, a dor crônica é definida como uma dor persistente mesmo após a cura da causa original. Neuroanatomicamente se pode afirmar que a dor aguda e a dor crônica possuem vias de transmissão neuronal diferentes, por isso devem ser entendidas como “dores diferentes”. Essa dor pode ser de natureza física, emocional ou psicológica e afeta a qualidade de vida e o bem-estar emocional dos pacientes. É importante que os pacientes com dor crônica recebam o apoio necessário para gerenciar sua dor e melhorar sua qualidade de vida. Ao aumentar a conscientização sobre a dor crônica e fornecer recursos e suporte adequados, podemos ajudar a aliviar o sofrimento dos pacientes e melhorar sua saúde geral.

Refletindo sobre o exemplo proposto, está na hora de os pesquisadores produzirem seus artigos, resenhas com linguagem “mais acessível, menos acadêmico”, mas sem fugir dos padrões científicos, a fim de que os profissionais clínicos tenham acesso às informações mais atuais da comunidade científica nacional e internacional.

Muitas informações, por meio das redes sociais, têm chegado de forma distorcida e não clara. Talvez desse modo os periódicos e pesquisadores possam ofertar nas redes sociais conteúdos cientificamente testados e válidos.

The researchers challenge

Despite the valuable studies produced by the national and international scientific community, very little of this knowledge has been accessed by clinical professionals in their work environments. Is the scientific language of research accessible to the professional who will effectively use this knowledge in daily practice?

As an example, one can cite the International Classification of Diseases (ICD-11) in its 11th version, produced by the World Health Organization (WHO) to be used in all countries and by all professionals

involved. Do clinical dentists have access to this document? If so, do they know how to properly access it and record it in the correct medical records, declarations, and certificates (with the patient's permission, of course)?

In 2013, the IASP formed a task force to produce and update a pain classification for international use. As a result of this work, the new edition of the International Classification of Diseases (ICD-11), adopted by the World Health Organization in 2019, includes, for the first time, **a classification for chronic pain**. The ICD-11 will be adopted by several countries in the coming years.

As it is a hierarchical classification, the first level includes primary chronic pain and the 2nd level includes **headache and orofacial pain**, which is a subdivision that interests all dental surgeons and in which the International Classification of Headache (ICHD-3) was contemplated. With the objective of continually improving this update, in 2020, the International Classification Orofacial Pain (ICOP) was published, already translated and validated for the Portuguese language, in which all orofacial pain was contemplated, from disorders dentoalveolar (pulpal pain, periodontal pain, mucosal pain...), myofascial pain, TMD pain and neuralgias, to persistent idiopathic facial pain, that is, all orofacial pain, events that may lead to prolonged suffering due to an incorrect diagnosis and inadequate therapeutic procedures.

Indeed, chronic pain is a condition that affects millions of people around the world, and that is often underestimated and undertreated. Unlike acute pain, which is a natural response of the body to a noxious stimulus, chronic pain is defined as persistent pain even after the original cause was healed. From a neuroanatomic point of view, it can be stated that acute pain and chronic pain have different pathways of neuronal transmission, therefore, they should be understood as "different types of pain". The pain can be physical, emotional, or psychological in nature, and can affect the patients' quality of life and well-being. It is important that patients with chronic pain receive the support they need to manage their pain and improve their quality of life. By raising awareness of chronic pain and providing adequate resources and support, we can help alleviate patients' suffering and improve their overall health.

Reflecting on the proposed example, it is now time for researchers to produce a review of their articles, using "more accessible" and "less academic" language, but without deviating from scientific standards, so that clinical professionals can have easy access to the most current information from the national and international science community. national and international science.

Nowadays, a lot of information available, including on social media, is distorted and unclear, newspapers and researchers can offer scientifically proven and valid content on social networks.

Jose Stechman-Neto, DDS, MS, PhD

University Tuiuti of Paraná

Faculty Dentistry and Pos Graduate Program Communication Disorders

Affiliated IASP, IHS, SBED, SBCe and SBDOF